

II Congresso Nacional Africanidades e Brasilidades

4 a 6 de agosto de 2014

Universidade Federal do Espírito Santo

GT 01 - Africanidades e Brasilidades em Literaturas

**Mayombe: uma estória de guerra e identidades:
um breve estudo sobre a personagem Teoria**

¹Cibele Verrangia Correa da Silva

Introdução

Os rótulos pouco interessam, os rótulos só servem os ignorantes que não veem pela coloração qual o líquido encerrado no frasco [...]. A minha história é a dum alienado que se aliena, esperando libertar-se. (PEPETELA, 2013, p.18)

O artigo em questão pretende propor um estudo sobre a obra *Mayombe* (1980), de autoria do escritor angolano Pepetela, focalizando brevemente os elementos estéticos (personagens, foco narrativo, espaço/tempo e principais temáticas), bem como um estudo mais detalhado da personagem Teoria, tendo ela um importante papel para o entendimento de algumas questões cruciais problematizadas pela obra.

Buscamos observar a necessidade da confecção de uma arte engajada já que ela se faz determinante no processo de reconstrução de identidade nacional e cultural, bem como, denunciadora e defensora dos interesses da nação, mais especificamente, das pessoas que se encontram às margens da sociedade e dos postos de referência social e cultural. É através das diversas personagens da obra, que de forma alegórica representam a população angolana, que vamos

¹ Doutoranda em Letras - Área de Estudos Literários – Linha de Pesquisa: Literatura e expressões da alteridade – Universidade Federal do Espírito Santo – Bolsa: Fapes . E-mail: cverrangia@yahoo.com.br

descobrimo o universo de miséria e exclusão que as pessoas sobrevivem, num contexto de guerras, pobreza, fome, miséria, violência e indignação.

O principal pano de fundo é a guerrilha de libertação, em que os ideais de mudança apontam para a necessidade de ressignificação dos valores tipicamente africanos, bem como a desconstrução da dominação política e cultural do passado colonial, na clara intenção de repensar os valores nacionais e identitários.

Em *Mayombe*, que tem como temática principal a experiência dos guerrilheiros angolanos na luta pela independência de Angola, fica expressamente notável a busca pela identidade nacional, já que a o enredo procura mostrar as diferentes visões daqueles momentos em que se gestavam os sonhos e anseios da libertação nacional. O texto é impregnado de diálogos, em que as ideias são desenvolvidas e estendidas por cada personagem através da oralidade (marca das culturas tradicionais africanas), caracterizando assim o caráter subversivo da obra (durante o período colonial havia uma política rígida e violenta de controle da disseminação das ideias anticoloniais).

[...] são textos em que as figuras do herói surgem como construções simbólicas da História – porque entendidas como preservadoras e amplificadoras do significado simbólico do facto – que funcionam como propulsoras do projecto nacionalista para que o país já deu os melhores filhos (...). (MATA, 2001, p. 25).

A arte literária angolana sempre manteve fortes laços com a questão social e histórica de seu país. Desde os primeiros textos de Pepetela, por exemplo, percebe-se o compromisso na construção de uma identidade nacional. A busca por uma literatura que realmente representasse o homem angolano, único, com suas tradições e características próprias.

Pepetela afirma, através de sua obra, que é preciso alertar o leitor para o que de remanescente classista existe ainda no novo estado. O despertar da consciência socialista e, para que isso possa acontecer em toda a sua plenitude, necessário se faz o repensar dos escombros classistas opressores que existem

na nova ordem e que podem impedir a trajetória livre do povo que se libertou da dominação opressora e das antigas estruturas de manipulação.

Tenho uma grande preocupação com alguns assuntos, que são temas obsessivamente tratados na minha obra. Um desses assuntos é o da construção da Nação, da ideia de Nação. [...] Ora, a História ajuda a enquadrar este problema e talvez até tenha algumas respostas. [...].

Há evidentemente outros factores, até de ordem política, mas sem dúvida que a História tem peso nesse processo. E neste caso pode dizer-se que é ideológico considerar-se o passado como fonte de conhecimento do presente: Como não houve fim da História nem fim das ideologias [...] assumo na minha escrita uma coisa e outra, sem complexos (PEPETELA, apud MATA, 2001, p. 27).

Uma particularidade da obra de Pepetela é a polifonia. Em *Mayombe*, por exemplo, há vários narradores que dialogam entre si, compondo toda a narrativa, nos apresentando diversos pontos de vista, dando certa movimentação ao romance.

A oralidade é retomada na literatura escrita, com um novo formato, uma nova estética, vinculada à tradição africana das histórias contadas oralmente. Chamada de a “estética do movimento”, pelo pesquisador Sérgio Paulo Adolfo, pois “toda a sua produção nega o dogmatismo e propõe a dinâmica, sempre de forma dialógica, não como um discurso da certeza, mas como o discurso da reflexão” (ADOLFO, 1992, p.46).

Para Pepetela, a luta travada quando das guerrilhas de libertação não é puramente racial, mas principalmente ideológica (reacionários X revolucionários). Assim, a luta que se trava não é contra o homem que vive na colônia, mas contra as ideias retrógradas e alienadas que ele representa. O autor, em seus textos, principalmente em *Mayombe*, usa o fato da colonização como aprendizado de algo que deve ser desconstruído; algo para tirar como lição e almejar um sistema político diferenciado, baseado em ideologias libertárias.

Em várias obras do autor, existem temáticas que abordam a questão das torturas, porém, a forma como é exposta na narrativa não aponta para uma grande brutalidade física, ou seja, para o autor, a tortura moral é mais agressiva e nauseante que a física (a alienação, por exemplo). A preocupação de Pepetela

está na tortura que atinge tanto o colonizado, quanto o colonizador, assim, “é a tortura do português comum, numa terra longínqua, quente e sufocante, assim como a tortura do angolano comum obrigado a adquirir hábitos, costumes, línguas diferentes para custear a sua sobrevivência” (ADOLFO, 1992).

Para o ficcionista, o fim do colonialismo não é garantia de mudança no sistema político e social. É necessária uma transformação das ideias e dos comportamentos, para a construção de uma nação livre e mais justa.

Sobre a questão da angolanidade, o autor vai valorizar e respeitar a terra, as tradições, as ambiguidades, as características mais próprias, para poder contribuir, de uma forma justa e positiva, para o desenvolvimento da nação. Ser angolano é poder livrar Angola e seu povo do jugo colonial português e estar ao seu lado registrando suas aspirações e seus anseios, registrando sua história passada, ajudando a vencer o presente e traçar o caminho do futuro: ser angolano é tornar-se um homem inteiro a serviço de um povo inteiro, o povo angolano.

Mayombe: uma estória de guerra e identidades

Mayombe, romance escrito em 1971 e publicado em 1980 narra a trajetória de luta dos guerrilheiros anticoloniais na floresta do Mayombe, onde está montada sua principal base militar, bem como as estratégias da luta armada, na perspectiva de combate ao regime colonial, bem como a libertação de Angola do jugo dominador e opressivo de Portugal. É uma estória que pretende contar a construção da nova História em território angolano.

O romance é dividido em quatro partes e um epílogo, em que vamos conhecendo todas as angústias, sofrimentos, batalhas, conquistas, medos, sonhos dos jovens que forjaram, através da guerra, a independência de Angola, bem como os ideais de uma nação livre e autóctone.

Já na abertura da obra percebemos uma explícita homenagem aos guerrilheiros do Mayombe, tratados numa perspectiva amplamente heroica e idealizada, apesar da humanização criada para as personagens. Faz-se referências às culturas tradicionais africanas, bem como a mitologia grega e ioruba. Vejamos: “Aos guerrilheiros do Mayombe, que ousaram desafiar os

deuses abrindo um caminho na floresta obscura, Vou contar a história de Ogun, o Prometeu africano” (PEPETELA, 2013, epígrafe).

O autor oferece a obra àqueles heróis que ousaram desafiar a natureza, ou seja, a própria floresta do Mayombe, bem com sua própria natureza humana pelo ideal de uma sociedade livre, assim como os deuses, transformando-se em figuras mitológicas humanizadas e amplamente simbólicas desses ideais de transformação social.

As várias personagens que compõem a obra acabam dividindo espaço com o foco narrativo, já que ao mesmo tempo que atuam no desenrolar da ação, também nos oferecem suas perspectivas autorais e diferentes pontos de vista do contexto político, social, étnico e cultural da trama. Assim, temos um romance que apela para a polifonia no desenvolver dos fatos, conferindo uma diferente movimentação ao romance, permitindo o diálogo com o leitor e oferecendo diferentes possibilidades de entendimento para os acontecimentos da narrativa e, principalmente, as visões e motivos das personagens em aderirem à luta armada e sua permanência na guerra.

Pelas vozes de Teoria, Verdade, Mundo Novo, Muatiãnvua, entre outros, descortina-se o panorama complicadíssimo de um processo em ebulição: o racismo, o tribalismo, o burocratismo e tantos outros fantasmas surgem como faces variadas da cisão trazida pela invasão colonial (...). (CHAVES, 2009, p. 133).

Um elemento estético importantíssimo para entendermos a complexidade do romance, é a questão do espaço/tempo. Temos a floresta Mayombe como elemento condicionador do comportamento e atitudes das personagens, sendo ela a personagem protagonista da história. Mayombe oferece abrigo, alimento, proteção, afeto, ao mesmo tempo que condena as personagens a uma vida de solidão, privação, medo, angústia e sofrimento.

A mata criou cordas nos pés dos homens, criou cobras à frente dos homens, a mata gerou montanhas intransponíveis, feras, aguaceiros, rios caudalosos, lama, escuridão, Medo. A mata abriu valas camufladas de folhas sob os pés dos homens, barulhos imensos no silêncio da noite, derrubou árvores sobre os homens. E os homens avançaram. E os homens tornaram-se verdes, e dos braços folhas brotaram, e flores, e a mata curvou-se em abóbada,

e a mata estendeu-lhes a sombra protetora, e os frutos (...). (PEPETELA, 2013, p. 68).

A floresta é a força propulsora, ao mesmo tempo desafiadora do projeto idealista dos guerrilheiros. Ela representa a mãe que protege, mas também oferece desafios para o amadurecimento e emancipação dos seus filhos. Mayombe nos aparece como símbolo da tradição e do fortalecimento da identidade angolana, por ser ela a imagem de poder e associação à própria força do Homem angolano para a conquista da tão esperada e sonhada liberdade.

O tempo da narrativa também condiciona o comportamento e as atitudes das personagens. As intempéries naturais aparecem-nos refletindo as dificuldades da luta, bem como a subjetividade das personagens. A percepção do tempo é associada aos fenômenos da natureza e da vontade humana. Assim, o Sol, a Chuva, o Rio, as Árvores, as Nuvens refletem e condicionam as individualidades e a percepção de existência das personagens.

Em relação às principais temáticas exploradas no romance, podemos destacar a questão do tribalismo; da veemente crítica ao regime colonial, mas também a postura do MPLA na guerra; as problemáticas sociais, políticas e econômicas que envolvem a manutenção da guerra; as diferentes posturas e intenções ideológicas dos guerrilheiros com a própria guerrilha; a formação da identidade nacional pós jugo colonial.

O questionamento das motivações ideológicas dos guerrilheiros assinala o aprofundamento da psicologia de guerra centrada nas origens de classe e circunstâncias pessoais, o que assegura ao texto uma perspectiva totalizadora da guerra (...). (CHAVES, 2009, p. 135).

Pepetela, com esta obra, se coloca como um dos primeiros a propor uma crítica interna ao MPLA, ao racismo, a corrupção, ao machismo e à própria ideia de necessidade de se forjar uma nova possibilidade de construção identitária, perpassando pelas ideias socialistas, marxistas, bem como pela luta de classes, além de uma visão racional do capitalismo, do liberalismo e do poder em Angola.

Teoria: a busca do talvez

Teoria, primeira personagem-narrador do romance, nos aparece como a figura mais emblemática da crítica social e étnica promovida pelo autor, bem como é quem nos apresenta a problemática da formação identitária em Angola no contexto da guerra, denunciando o racismo e o tribalismo em território nacional.

É através da fala desta personagem que vamos descobrindo o universo de opressão e deslocamento que vivenciam os mestiços em Angola, denunciada e desmascarada pelo contexto da guerra. Teoria é filho de mãe negra angolana e pai branco português, o que o coloca numa situação de não pertencimento, de uma identidade híbrida, que vive em constante revisão e reinterpretação da sua subjetividade e do seu papel social.

A guerra acaba gerando um conflito étnico, que busca resgatar aqueles valores de pureza e tradição, num mundo já permeado pelo multiculturalismo e pluralidade social. Ele milita pelo direito de sua angolanidade híbrida, mestiça, que não deixa de sonhar com uma Angola livre, renovada, moderna, porém, reconhece a necessidade de viver essa experiência para o futuro amadurecimento dos verdadeiros valores da nação.

Nasci na Gabela, na terra do café. Da terra recebi a cor escura de café, vinda da mãe, misturada ao branco defunto do meu pai, comerciante português. Trago em mim o inconciliável e é este o meu motor. Num Universo de sim ou não, branco ou negro, eu represento o talvez. Talvez é não para quem que ouvir sim e significa sim para quem espera ouvir não. A culpa será minha se os homens exigem a pureza e recusam as combinações? Sou eu que devo tornar-me em sim ou em não? Ou são os homens que devem aceitar o talvez? Face a este problema capital, as pessoas dividem-se aos meus olhos em dois grupos: os maniqueístas e os outros. É bom esclarecer que raros são os outros, o Mundo é geralmente maniqueísta. (PEPETELA, 2013, p. 14).

Nesta passagem, fica explicitamente claro o objetivo de Teoria com sua estada na guerra, ou seja, sua militância é individual e vincula-se a um projeto pessoal de formação de uma identidade angolana que desconstrua a dialética branco versus negro e assuma a perspectiva mestiça. Nesse sentido, vemos uma

tentativa de já nas primeiras páginas do romance em se pensar a questão macro da narrativa, que é a formação da identidade nacional, que pela perspectiva da personagem tem um apelo para a multiplicidade de possibilidades dessa formação, trazendo para o seio da questão, a discussão das relações étnico-raciais.

(...) A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. Ao invés disso, à medida que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar – ao menos temporariamente. (HALL, 1988, p. 13).

A noção de identidade pode ser apreendida por algumas características básicas que unem uma sociedade na forma de nação. Essas características estão relacionadas ao sentimento de pertencimento étnico, a língua oficial, a cultura, a religiosidade, as expressões artísticas e os modos de subjetivação sociais. Estes elementos definem os grupos sociais como pertencentes a uma determinada etnia ou mesmo, a um país.

(...) a nação é imaginada como comunidade porque, sem considerar a desigualdade e exploração que atualmente prevalecem em todas elas, a nação é sempre concebida como um companheirismo profundo e horizontal. (ANDERSON, 1989, p. 16).

O que percebermos ser denunciada aqui, através da fala da personagem Teoria, é a possibilidade da existência harmônica de uma identidade étnica mestiça, híbrida, formada pela junção de diversos grupos étnicos, mas com características sociais muito próprias e específicas. Neste sentido, o pertencimento étnico-racial é plural e diverso, formando assim a riqueza e o valor da nação. Ele propaga o direito de ser o talvez, de passear pelos diferentes universos étnicos, sem necessitar de um julgamento de valor e/ou principalmente rótulos depreciativos:

O trauma da mestiçagem é tão explícito na vivência da personagem, que mesmo o fato de estar numa posição privilegiada na guerrilha, por ser professor, e ter a incumbência da formação educacional dos guerrilheiros, não diminui o sentimento de segregação que vivencia, fortalecendo ainda mais a sua luta.

Os meus conhecimentos levaram-me a ser nomeado professor da Base. Ao mesmo tempo, sou instrutor político, ajudando o Comissário. A minha vida na Base é preenchida pelas aulas e pelas guardas. Por vezes, raramente, uma ação. Desde que estamos no interior, a atividade é maior. Não atividade de guerra, mas de patrulha e reconhecimento. Ofereço-me sempre para as missões, mesmo contra a opinião do Comando: poderia recusar? Imediatamente se lembrariam de que não sou igual aos outros.

Uma vez quis evitar ir em reconhecimento: tivera um pressentimento trágico. Havia tão poucos na Base que o meu silêncio seria logo notado. Ofereci-me. É a alienação total. Os outros podem esquivar-se, podem argumentar quando são escolhidos. Como o poderei fazer, eu que trago em mim o pecado original do pai-branco? (PEPETELA, 2013, p. 21/22).

Assim, temos uma personagem extremamente importante para os temas explorados pela narrativa, pois encerra nela uma questão de profunda relevância na formação identitária angolana pós contexto colonial, que é a tentativa de conciliar em si, a importância da tradição e da manutenção da cultura ancestral, bem como se propõe também observar novas formas de subjetivação, passando pelo universo da mestiçagem e da pluralidade cultural, elementos importantes da nova formação política, cultural, histórica, social e étnica em Angola e que vai definir aquilo que será chamado de angolanidade.

Considerações Finais

Nesse estudo, observamos que a obra literária pode funcionar como principal arma de denúncia e defesa da nação, sendo ela uma das grandes responsáveis pela propagação do desejo de pensar-se um espírito nacional,

comprometida com as transformações sociais, solidária com o projeto emancipador, engajada na luta por justiça e liberdade.

A literatura que deseja pensar a formação de uma identidade nacional tem como protagonista de seus textos a população comum, sofrida, excluída da ordem e do progresso social, que sobrevive no anonimato e na marginalidade, mas que constrói sua subjetividade a partir dos resíduos, das sobras, e que luta com dificuldades por uma sobrevivência digna e honesta.

Assim, é necessário pensarmos toda identidade como uma construção simbólica, ou seja, não existe uma forma autêntica e única, mas uma pluralidade de subjetivações, construídas ao longo da história e por grupos sociais diferentes, e que esta multiplicidade se faz essencial para manutenção dos valores de um povo e da consciência nacional.

Entendemos, portanto, que a temática do engajamento, da resistência, da denúncia e da formação da identidade angolana expressa em *Mayombe* e em tantas obras do mesmo autor, continuará presente na literatura angolana, pois enquanto houver opressão, desigualdades sociais, falta de emprego e moradia, a literatura se fará presente tanto na exposição desta sociedade oprimida, regada pela violência, quanto no compromisso em buscar uma melhor perspectiva de vida e inclusão social.

Referências Bibliográficas

ADOLFO, Sérgio Paulo. **A ficção de Pepetela e a formação da angolanidade**. Tese de doutorado. FCL. Faculdade de Ciências e Letras – UNESP – Universidade Estadual Paulista – Campus de Assis. Assis-SP, 1992. Orientador: Profº Drº. Fernando Manuel Mendonça.

ANDERSON, Benedict. **Nação e consciência nacional**. São Paulo: Ática, 1989.

CHAVES, Rita; MACÊDO, Tania (organizadoras). **Portanto... Pepetela**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2009.

HALL, Stuart. **A identidade na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A. 4.a edição, 1988.

MATA, Inocência. **Literatura angolana: silêncios e falas de uma voz inquieta**. Lisboa: Mar Além, n.o 3. Junho de 2001.

PEPETELA, **Mayombe**. São Paulo: Leya, 2013.